

PERSONAGENS PRETAS NA DISTOPIA AS CAMADAS (IN)EXISTENTES DA MULHER NEGRA EM PRODUÇÕES DISTÓPICAS

Caio Matheus de Jesus Pinheiro

(UNEB)

Brenda Viana Feitosa

(UNEB)

Armando Rocha dos Santos

(UFBA)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Caio Matheus de Jesus Pinheiro é mestre em Estudo de Linguagens pela UNEB, onde também se graduou em Letras com habilitação em Língua Inglesa e Literaturas. Foi bolsista do PIBID (2017-2018) no subprojeto "Tecendo Leituras" e colaborou na produção de materiais didáticos para o projeto "English Matters" (2018-2019). Atua como docente de Língua Inglesa no Centro Educacional Criativo e no projeto Ifé English Course, com foco afrocentralizado. Atualmente, integra o grupo de pesquisa "REBRALLI" e estuda as representações do Brasil nos quadrinhos norte-americanos. Tem interesse em Letras, Literaturas, produções multimídia e histórias em quadrinhos. E-mail: caio_matheus.15@hotmail.com

Brenda Viana Feitosa é mestra em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB), onde foi bolsista da PROGEPESQ (UNEB) e defendi a dissertação de título "Da violência como disfarce: uma análise da franquia Uma Noite de Crime". Graduada em Letras Vernáculas com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Participei como bolsista da Iniciação Científica pela CNPq/PIBIC no projeto "Os novos cortiços: estudo das adaptações em quadrinhos do clássico de Aluísio Azevedo". Fui Aluna Especial na disciplina do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB), Tópicos Especiais da Educação Básica III. E-mail: brenda_feitosa@hotmail.com

Armando Rocha dos Santos é Servidor público federal, enquadramento Pedagogo, na Universidade Federal da Bahia. Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Salvador (2021), graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2017), poeta e escritor, atendendo pelo pseudônimo de Alvorecer Santos. E-mail: armandosantos0001@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor uma análise sobre três obras que são responsáveis por trazerem diferentes visões quanto à representação de personagens pretas na distopia. Será abordada uma visão comparativa entre as obras, a partir de uma discussão sobre as diversas camadas existentes nas artes, além da forma como as mulheres negras são representadas nas obras distópicas e qual a importância das personagens para a trama. Tendo como referencial teórico contribuições de Bianca Cristina Batista da Silva (2017), Érica

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of three works that are responsible for bringing different visions about the representation of black characters in dystopia. A comparative view between the works will be approached, based on a discussion about the various layers existing in the arts, in addition to the way black women are represented in dystopian works and the importance of the characters to the plot. Based on contributions from Bianca Cristina Batista da Silva (2017), Érica Baggio de Oliveira and Isadora Ferrão Sant'anna (2018),

Baggio de Oliveira e Isadora Ferrão Sant'anna (2018), Florentina Souza (2008), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzales (1984) e Renata Melo Barbosa do Nascimento (2014), este artigo pretende discorrer sobre as personagens negras nas obras <i>The Purge: Anarchy</i> (2014), <i>The Hunger Games</i> (2008) e <i>Black Mirror</i> (2011-), levando em consideração suas particularidades e narrativas, destacando a maneira como se pode compreender essa presença e possíveis estereótipos que permeiam o corpo feminino negro em produções artísticas.	Florentina Souza (2008), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzales (1984) and Renata Melo Barbosa do Nascimento (2014), this article intends to discuss the black characters in the works <i>The Purge: Anarchy</i> (2014), <i>The Hunger Games</i> (2008) and <i>Black Mirror</i> (2011-), considering their particularities and narratives, highlighting the way this presence and possible stereotypes that permeate the black female body in artistic productions can be understood.
---	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura; Mulheres negras; Representação	Literature; Black women; Representation

INTRODUÇÃO

Restritas à ideia de que seu campo de atuação seria o meio doméstico e vistas como seres pertencentes ao homem, sendo assim delicadas, submissas e pacientes, como afirma Filha (2011), as personagens femininas foram apresentadas ao público como figurantes da sua própria história. Enquanto a mulher branca, por muito tempo, foi representada apenas como senhora do lar, um exemplo a ser seguido pela sociedade, e seus interesses estariam relacionados aos assuntos caseiros e românticos, a mulher negra era associada ao trabalho doméstico, ao sexo e à animalidade, sendo ainda bastante silenciada e colocada em plano de inferioridade.

A discussão por um lugar de destaque para as mulheres nas artes é algo que perpassa o tempo e vem sendo percorrida há muitos anos, porém isso é algo que está mudando, mesmo que timidamente, através das lutas e conquistas pelo direito das mulheres em ocupar os vários espaços sociais. É preciso considerar que, nos últimos anos, houve um crescimento de protagonistas mulheres a buscarem a sua liberdade e identidade. No entanto, ainda podemos observar uma certa resistência com a falta de representatividade da mulher negra.

Após o crescimento de adaptações de obras distópicas para o meio audiovisual, esse gênero ganhou ainda mais espaço nas vidas de jovens ao redor do mundo inteiro. Dessa forma, passou a ser um sucesso absoluto nas artes visuais e no meio literário. Está entre os mais comercializados dos últimos anos, com constante presença na lista semanal do *The New York Times*, nas mais assistidas dos *streamings*¹ e entre os mais rentáveis da história do cinema. Esse fenômeno se expande na segunda década do século XXI, graças aos filmes derivados da saga de livros *The Hunger Games* (2008-2010), com tradução para a língua portuguesa como *Jogos Vorazes*; a aclamada série *Black Mirror* (2011-); e a franquia

¹ Serviço de transmissão de áudio e vídeo via internet, sem a necessidade de baixar o conteúdo.

do cineasta James DeMonaco, *The Purge* (2014-2021), traduzido para o Brasil como *Uma Noite de Crime*.

Conhecida por retratar um futuro próximo, em que o sistema se apossa da liberdade e dos pensamentos críticos dos habitantes, a distopia é um instrumento narrativo de crítica social e reflexão (KOPP; NEUMANN; SILVA, T., 2013). Porém, além do fato de falar sobre um futuro incerto, em que o totalitarismo domina as sociedades criadas pelos autores, as obras desse gênero – principalmente as produzidas para comercialização de massa no mercado literário/cinematográfico – possuem outro fator em comum: a baixa representatividade, seja por gênero, raça ou sexualidade. Se analisarmos a questão de raça e gênero nos três exemplos citados acima, apenas um deles traz protagonistas negras, sendo a franquia de filmes dirigida por DeMonaco, *Uma Noite de Crime* (2014-2021). Por outro lado, as demais obras apresentam pessoas brancas no papel principal, acompanhadas de pares românticos, amigos e vilões também brancos.

Apesar do crescente número de protagonistas femininas nas obras distópicas dos últimos anos, mulheres brancas ainda são as principais escolhas para protagonizarem aventuras em busca da liberdade de uma sociedade e na luta contra o sistema. Assim sendo, quais os motivos dessa falta de representatividade preta? Como as mulheres pretas são retratadas nas obras? O protagonismo feminino negro ainda não se faz presente nos *best sellers* distópicos? Será que existem obras que trazem essa representação? Esses são alguns dos questionamentos que levantaremos acerca dessa temática.

Dessa forma, pretendemos discutir as diversas camadas de representação da mulher negra em obras distópicas. Para tanto, foram escolhidas as três produções supracitadas, em que a mulher preta é representada de diferentes maneiras, para que, assim, as análises sejam ainda mais específicas. Levando-se em consideração para essa discussão a gama de filmes e séries da franquia *The Purge*, foi selecionado o filme *The Purge: Anarchy* (2014), traduzido para o Brasil como *Uma Noite de Crime: Anarquia*, por notarmos a existência da representatividade da mulher negra. Em se tratando dos livros de *The Hunger Games*, apenas o primeiro volume da saga - de mesmo nome - será analisado adiante, por descartar as nuances das mulheres pretas, em detrimento da protagonista branca. Já na série *Black Mirror*, composta por vinte e dois episódios, optamos por abordar a ausência do protagonismo da mulher negra no episódio *Nosedive*, em tradução livre: *Queda livre*.

Por conseguinte, as três produções serão analisadas a partir das contribuições teóricas de Bianca Cristina Batista da Silva (2017), Érica Baggio de Oliveira e Isadora Ferrão Sant'anna (2018), Florentina Souza (2008), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzales (1984) e Renata Melo Barbosa do Nascimento (2014), a fim de discutir se as mulheres

pretas são ou não representadas nas obras distópicas e de que maneira elas ocupam espaço nas sociedades totalitaristas representadas nas obras analisadas.

1 A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA EM *UMA NOITE DE CRIME: ANARQUIA*

A franquia *The Purge* (2013-2021), escrita e dirigida por James DeMonaco, conta com cinco filmes lançados nos seguintes anos: 2013, 2014, 2016, 2018 e 2021, além de uma série com duas temporadas (2018-2019), objetivando a representação de uma ideia distópica ocorrida nos Estados Unidos. Nesse mundo existente na franquia, uma lei foi instaurada para que um feriado fosse criado e, então, legalizado o Dia do Expurgo. O principal objetivo desse dia é purificar a alma humana, tida como naturalmente violenta e impura. Para isso, a cada ano, no Dia do Expurgo, durante 12 horas, todos os crimes estão liberados e quem expurgar, termo utilizado nos filmes, não receberá punições futuras pelos seus atos.

Ao longo dos filmes e da série, diversas histórias são contadas e não há ligação nas narrativas dos personagens mostrados em cada obra. Entretanto, a ideia, a cronologia e o cenário se mantêm, apenas os personagens são modificados e novos pontos de vista são mostrados. É com essa liberdade em transitar por novas narrativas que surge o filme *Uma Noite de Crime: Anarquia* (2014). Na verdade, ele é o segundo filme lançado, entretanto é considerado o terceiro na linhagem da história, que, apesar de ter sido iniciada em 2014, transita entre os anos de 2017 e 2048, já que sua história se passa em 2023. Ou seja, os filmes não foram lançados ao mundo na sua ordem cronológica, mas podemos ter essa noção ao interpretarmos as informações que são abordadas nessas produções.

Em *Uma Noite de Crime: Anarquia*, passaram-se anos desde os primeiros feriados do expurgo e a sociedade começa a reagir. A partir daí, surgem duas das protagonistas dessa história, Eva e Cali, interpretadas por Carmem Ejogo e Zoe Soul, respectivamente. Mulheres negras, mãe e filha, vivem com o pai de Eva. No começo do filme, é retratado como os três vivem em uma situação financeiramente instável, tanto pelo trabalho mal remunerado de Eva, quanto pela doença do pai dela, Rico. Não há nenhuma menção ao pai de Cali, dando a entender que Eva é mãe solo da adolescente.

Como o filme conta com cinco protagonistas, histórias vão se passando, enquanto a versão de Eva e Cali é narrada. É com base em Cali, inclusive, que a representatividade de luta contra o Dia do Expurgo é mostrada. Enquanto os expurgos

ainda não estão liberados, Cali assiste aos vídeos de Carmelo, um homem negro que chama as minorias para a luta. É através da personagem que podemos começar a conhecer a tentativa de uma reviravolta – os oprimidos buscam pelo fim do expurgo, e, para além disso, pela vingança.

Na narrativa, o conhecimento de Cali tem fundamental importância no momento em que todos os protagonistas precisam de ajuda. Após diversos acontecimentos na trama, ela é responsável por conhecer Carmelo – e é quem o apoia, enquanto eles revidam e colocam em prática o que foi visto por ela nos vídeos. Cali, sua mãe, Eva, e mais três personagens são capturados por um clube composto por pessoas da alta sociedade, que, na noite do Expurgo, contratam outras pessoas para raptar quem estiver na rua, para colocar esses indivíduos em um labirinto sem luz. Ao estilo caçada, o intuito dessa captura era para matá-los. É nesse momento que a revolução e o contra-ataque dos grupos em minoria são colocados em prática e duas personagens negras são cruciais para que isso ocorra.

Em *Uma Noite de Crime: Anarquia*, há uma representatividade muito forte quando se trata da mulher negra: elas são as responsáveis pelo conhecimento. É por conta dessas personagens, Cali e Eva, que seus pares são salvos, conseguem abrigo e evitam que um dos cinco personagens principais, conhecido como Sargento, cometa um erro do qual poderia se arrepender pelo resto da vida, assim como foi abordado na narrativa. Para além de um papel de apoio, comumente visto na história, destaca-se o papel de protagonismo, de personagens necessárias, cruciais e feitas para modificarem a trama. É algo que difere de grande parte das produções estadunidenses, como relatam Érica Oliveira e Isadora Sant'Anna (2018), no período de 2012 a 2016:

71% de produções nas quais existem personagens negros, ou seja, cerca de 180 filmes, apenas 15% possuem pessoas negras representando personagens principais. 51% é a porcentagem que representa o número de vezes em que negros aparecem como coadjuvantes, ou seja, possuem poucas falas e estão em poucas cenas. Assim, embora as pessoas negras façam parte da maior parte das produções desenvolvidas no cinema norte-americano, são minoria aquelas que assumem o papel protagonista (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2018, p. 6).

Quando pensamos no contexto aludido sem a representação de gênero, é possível fazer um recorte com uma representatividade maior, mesmo que essa representatividade ainda seja pouca. Entretanto, quando há uma definição entre homens e mulheres, com um direcionamento para as mulheres pretas, esses números tendem a diminuir. Nesse cenário, pontuamos sobre a importância que possui a obra para trazer, em dose dupla, um contraponto em que mulheres negras não apenas

surgem como protagonistas, mas também com papéis fundamentais na história.

A mudança de tal cenário segue lenta, mas a representatividade de mulheres negras protagonistas, assim como abordado nesse filme da franquia, em séries, demais filmes e afins, tende a crescer. Afinal, o público clama cada vez mais pela representatividade, não apenas quando se trata de histórias de cunho racial, como bem aborda Bianca Silva, ao reforçar que

Essa realidade está mudando a passos lentos na televisão norte-americana, com séries que possuem protagonistas negras em posição de poder. Como na série “How To Get Away With Murder” (2014), que Viola Davis interpreta Annalise Keating. [...] Outro exemplo é a série “Scandal” (2012), que a atriz Kerry Washington protagoniza. Ela interpreta Olivia Pope, uma ex-funcionária da Casa Branca que criou sua empresa de gerenciamento de crises (SILVA, B., 2017, p. 22).

Retornando para *Uma Noite de Crime: Anarquia*, é possível enxergar a forma como as mulheres foram cruciais para a construção da história e não apenas representadas enquanto personagens submissas. Elas são as responsáveis por tornar a trama mais interessante. Em certo momento, Cali e Eva impedem que Sargento, valendo-se do privilégio da Noite de Expurgo, cometa o assassinato do homem responsável por atropelar a sua esposa. Dessa forma, pode-se afirmar que as protagonistas são representadas como heroínas, de personalidade forte e com tomadas de decisões que trouxeram motivos para a continuidade da trama.

De fato, a mulher negra, em muitos filmes ou séries, como será tratado ao longo deste artigo, não tem uma representatividade, no sentido de ser protagonista de uma trama, e, na maioria das vezes, é retratada exercendo papéis subalternos. No entanto, no filme analisado, podemos enfatizar que fugiram ao estereótipo, designando à mulher negra um papel de destaque na trama em questão.

É pensando nessas exceções, no tocante à representação da mulher negra na ficção, que se enxerga a possibilidade de tornar tal fato cada vez mais comum. São muitas as histórias possíveis, sendo terror, distopia, série criminal ou comédia romântica. Por óbvio, faz-se necessário que valorizemos tais obras, através de debates, divulgações, pesquisas acadêmicas e aportes financeiros (governamentais ou privados), para que o incentivo seja crescente às produções. Com efeito, existe um público cada vez mais sedento para se enxergar nas histórias, nas telas e onde quer que seja possível identificar a representatividade da mulher negra.

2 A MULHER PRETA COMO PERSONAGEM SECUNDÁRIA E ESTEREOTIPADA: RUE E OS POSSÍVEIS ARQUÉTIPOS PRESENTES EM *THE HUNGER GAMES*

Com nomes de autoras como Suzanne Collins, Kiera Cass e Veronica Roth, as obras distópicas dos últimos anos se mostram cada vez mais feministas e desprendidas da ideologia remanescente de que mulheres são símbolos de delicadeza, pureza, romantismo e necessidade de proteção. Apesar disso, reconhecemos que ainda se trata de um gênero marcado por autores e protagonistas masculinos nas distopias literárias do século XX.

São bons exemplos disso as obras bastante conhecidas como *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, traduzido para a língua portuguesa como *Admirável Mundo Novo*, ou *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell, traduzido como *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, ambas consideradas obras fundamentais da distopia, como afirma KOPP (2011). Esses textos são marcados por uma presença masculina heteronormativa na condição de personagens principais, Bernard e Winston respectivamente.

Mesmo com essa quebra hegemônica de personagens masculinos e do crescimento do protagonismo feminino na distopia, há uma certa estereotipagem das personagens femininas, que ainda se faz presente nos textos do gênero. Se utilizarmos como exemplos os textos das autoras citadas acima – *The Hunger Games* (2008), de Collins; *The Selection* (2012), traduzido como *A Seleção*, de Cass; e *Divergent* (2011), em português: *Divergente*, de Roth, as personagens principais de cada obra possuem um elemento em comum, a branquitude, além do espírito de liberdade. Katniss, protagonista de *The Hunger Games*, é descrita como jovem branca, de cabelos lisos e olhos acinzentados. Já America Singer, de *The Selection*, possui pele pálida, cabelos ruivos e olhos azuis. Por fim, Tris, de *Divergent*, é uma garota loira e de olhos azuis. O fator em comum entre as três as personagens, além do citado acima, é que todas são mulheres brancas. Considerando essa recorrência, é preciso se perguntar: onde estão as mulheres pretas nas sagas distópicas?

A saga de livros *The Hunger Games* (2008-2010) se passa em um futuro pós-guerra em que um *reality show*, que possui o mesmo nome do livro, é transmitido pelo governo como forma de fazer com que as pessoas sintam a repreensão, saibam que a Capital está no poder e gerar entretenimento como meio para frear o pensamento crítico. No programa, vinte e quatro crianças – conhecidas como tributos – são colocadas em uma arena para que possam lutar até a morte, sendo que apenas uma delas pode sair viva. Os *Hungers Games* são tão importantes naquela sociedade que normalmente os personagens contam apenas com algumas horas diárias de luz, porém, durante as exposições dos jogos, há uma distribuição constante de energia e todos são obrigados a assistir.

Analisando o primeiro livro da saga, *The Hunger Games* (2008), escrito por Collins, podemos observar apenas uma personagem feminina negra entre as quase 400 páginas da

obra. Trata-se de Rue, uma garota de 12 anos, amiga de Katniss, e tributo do distrito 11. A garotinha é descrita pela protagonista da seguinte maneira: “ela tem pele negra e olhos pretos, mas fora isso ela é parecida com Prim no tamanho e no jeito”² (COLLINS, 2008, p. 45, tradução nossa). À primeira vista, se tem uma boa impressão, afinal, encontramos uma personagem com um certo destaque em um livro distópico, pois ela é amiga da personagem principal, mesmo sendo uma criança de doze anos. Porém, o fato é que a presença de Rue apresenta questões ainda mais profundas que apenas marcar presença e ser uma representação preta na obra de Suzanne Collins.

O primeiro fato a ser citado é o de que Rue não é uma protagonista na saga. Muito pelo contrário, mesmo com um papel que vem a se tornar emocionante, o que é algo importante para o desenvolvimento da personagem principal, Katniss, a sua participação no livro é algo passageiro e estereotipado. E isso nos leva ao segundo problema: Rue é colocada em segundo plano, secundarizada, a “amiga da protagonista”, estereótipo há muito discutido pelo fato de que é possível encontrar diversas situações em que a mulher preta é colocada somente como alguém para dar suporte emocional e incentivar a protagonista branca a conseguir se manter nessa posição de destaque.

Dessa forma, a figura de uma personagem preta como amiga da protagonista branca nos faz pensar que a representação preta está ali apenas como uma presença serviçal, remetendo-nos à discussão de Kilomba (2019), ao afirmar que, no imaginário do *sujeito branco*, há uma vontade de possuir um corpo preto/a escravizado/a, sendo este o *lugar delale*.

Esse papel de mulher preta que não tem narrativa própria se repete constantemente nas obras, sejam elas cinematográficas, como é o caso de Cher e Dionne, em *Cluelles* (1995), em português: *As Patricinhas de Beverly Hills*; literárias e/ou televisivas, conforme visto nos livros do *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-1947), de Monteiro Lobato; e na sua adaptação para a série da TV Globo (2001-2007). Isso acontece pelo fato de que, como enfatiza Souza (2008, p. 107): “fica explícito que as mulheres, todas e majoritariamente as negras, são definidas como representando papel secundário”. Assim, a mulher preta está ali para cumprir uma cota e compor a representatividade preguiçosa do livro. Rue, como melhor amiga de Katniss, é só mais um dos grandes casos desse estereótipo, que não aprofunda a história sobre a personagem. Durante as pouco mais de 40 páginas em que a criança preta aparece, podemos destacar que a sua participação se restringiu a salvar a vida de Katniss e apresentá-la ao cotidiano do distrito 11 – algo que se mostra importante para a protagonista nos livros seguintes.

Ao descrever, rapidamente, a vida no distrito 11, comunidade com maior número

² Traduzido de: “she has dark brown skin and eyes, but other than that, she’s very like Prim in size and demeanor”.

de pessoas pretas daquele mundo, algo que é explorado com mais detalhes no segundo livro da saga, *Catching Fire* (2009), traduzido como *Em Chamas*, a personagem Rue é representada em associação a outro estereótipo do corpo negro. Ou seja, como algo que possui uma condição socioeconômica precária e tal condição é vista como algo natural. Como discute Gonzalez (1984), essa representação não apenas abarca a mulher preta, mas a comunidade negra em geral. Quantas vezes nos deparamos, nas diversas artes, com personagens pretas que são representadas como a pessoa pobre e em extrema miséria da história?

Por fim, temos a situação em que a vida negra é vista como algo descartável e que pode até comprovar a ideia de que a personagem Rue só esteve presente na narrativa para ser a amiga que salva e ajuda a protagonista, mas não pode ocupar uma posição de destaque. Afinal, a garota negra de *The Hunger Games* fez de tudo para salvar a vida de Katniss, deu dicas para que ela pudesse sair de uma situação desfavorável e ainda lhe deu informações sobre o distrito 11, tópico que será importante para a protagonista no futuro, mesmo sabendo que apenas um participante poderia sair vivo dos Jogos. No entanto, a construção defasada da história de Rue e a sua morte, pouco tempo após a garota ajudar a protagonista, mostram como a sua passagem na obra de Collins foi mais uma representação de uma preta associada ao estereótipo que se perpetua em diversas obras, sejam elas literárias ou audiovisuais.

3 A REPRESENTAÇÃO DO CORPO E DA MULHER NEGRA NA SÉRIE *BLACK MIRROR*

A série *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker, é uma obra de ficção científica que apresenta um mundo no qual as relações humanas são mediadas pela tecnologia. Nesse universo, criado por Brooker, as pessoas são totalmente dependentes dos meios tecnológicos e necessitam deles como forma de sobrevivência. No episódio que será analisado, o que determina como as pessoas interagem umas com as outras, com quem se relacionam, os locais que frequentam e o trabalho que exercem, entre outros, está relacionado ao número de estrelas que elas possuem.

No episódio em questão, é atribuído às pessoas, a depender da classe social que pertencem, um número de estrelas, que varia de 0 a 5. Os que se aproximam do número máximo são consideradas figuras importantes, perfeitas e de alta classe, como os conhecidos influenciadores digitais, que fazem sucesso atualmente em nossa sociedade. Já os que se aproximam do número mínimo são os desprestigiados socialmente, imperfeitos

e relegados a exercerem papéis subalternos na sociedade.

Nessa perspectiva, é necessário ponderar que em *Black Mirror* as pessoas são avaliadas a todo o momento, considerando-se as ações que desenvolvem. A série está ambientada em um contexto distópico, ao definir uma sociedade demarcada pela relação de classe, gênero e poder. Nela, indivíduos e tecnologia se confundem, tornando-se interdependentes. No entanto, as pessoas não conseguem ter o domínio pleno da tecnologia. As relações humanas determinam a regra do jogo, tendo como requisito básico a avaliação que os indivíduos recebem, pois estes dependem da referida para a sua permanência no convívio social, assim como para frequentar determinados espaços. Quando as pessoas não têm uma boa avaliação, e estão com a sua pontuação praticamente zerada, são levadas para a prisão, o que cessa o seu direito de ir e vir.

Diante do exposto e com a contextualização da obra, que se propõe a criar uma sociedade alternativa, elegemos para análise neste trabalho o primeiro episódio da terceira temporada da série, intitulado *Nosedive*. Nesse sentido, é pertinente enfatizar que cada um dos episódios é independente e se passa em sociedades distópicas distintas.

No episódio 1, fica explícita a ausência de protagonismo do corpo negro, principalmente, das mulheres, que aparecem bem pouco, e, quando isso acontece, estão ocupando uma posição inferior, se comparadas a outros membros da sociedade. Em sua maioria, elas são vistas como subalternas, trabalhando em subempregos, em hotéis e outros espaços. Ou seja, é uma representação estereotipada da mulher negra, que de certa forma acaba sendo reproduzida no audiovisual e no cinema. Ao abordar sobre a mulher negra no cinema, Santos e Berardo salientam que

A representação da mulher negra no cinema está imbricada com a cultura na qual se insere, sendo uma manifestação dessa cultura. Compreendem-se manifestações culturais como um conjunto de atividades e práticas simbólicas, que ultrapassam a materialidade dos objetos produzidos e englobam a produção, o produtor e, também, a quem se destina (SANTOS; BERARDO, 2014, p. 247).

Dialogando com os teóricos acima, podemos pensar que, em *Black Mirror*, existe um sistema de representação alicerçado em uma cultura, em uma sociedade e num modo de conceber e representar a mulher negra. O entendimento em questão deve-se, sobretudo, ao fato de que esse sistema de representação toma como ponto de referência a cultura branca, vista como modelo a ser seguindo por todos, e acaba anulando as singularidades do corpo negro, representando-o, muitas vezes, de forma pejorativa.

Mesmo se tratando de uma obra futurista, é quase impossível pensar em uma sociedade com ausência total de negros, ou melhor, sem pessoas negras enquanto atores sociais de suas vidas. Então, cabe analisar, de modo crítico, o enredo da história. A série,

no episódio em análise, ao se propor a projetar uma sociedade ideal, poderia ter dado uma maior atenção às questões raciais e de gênero, para além dos papéis estereotipados socialmente. Dialogando com essa questão do estereótipo, trazemos uma contribuição de Kilomba. Ao conceder uma entrevista para Helder Ferreira (2016), da Revistacult, a teórica enfatiza que:

Os estereótipos de gênero são sempre baseados em estereótipos raciais. O mito da mulher negra sexualizada, o mito da mulher muçulmana oprimida e o mito da mulher branca emancipada se cruzam sempre com os mitos e estereótipos raciais e de gênero, portanto, são elementos que não podemos separar (FERREIRA, 2016, sp).

Nesse viés, podemos pensar que, em *Black Mirror*, os aspectos de raça e gênero estão bem demarcados por meio dos papéis sociais, sendo as mulheres brancas majoritariamente emancipadas, ao passo que as mulheres negras são sumariamente submissas a um padrão de organização social construído e imposto por pessoas brancas. Nesse aspecto, poderíamos pensar o(s) motivo(s) pelo(s) qual/quais não foi/foram dada(s) tanta importância à representação da mulher negra no episódio da série.

Essa ausência de protagonismo da mulher negra, no episódio da série, que se dá em um mundo por vir, pode ser concebida como o reflexo de um processo histórico de exclusão da mulher negra nos diferentes espaços sociais, culturais e midiáticos. Diante disso, tende a perdurar, mesmo em uma sociedade hipotética, principalmente, se não houver críticas contundentes em prol de uma sociedade que respeite os direitos de todos, reconhecendo as diferenças éticas, raciais e de gênero. Há uma forma de silenciamento do corpo negro e da mulher negra, sobretudo, em negar a sua existência e forma de estar no mundo.

No episódio analisado, a representação da mulher negra acaba incorrendo na reprodução de uma sociedade preconceituosa e racista, onde o centro são as pessoas brancas, em detrimento do corpo negro. Nessa representação, existe toda uma forma de se conceber o corpo preto, por parte de uma hegemonia branca. Esse fato dialoga com Kilomba (2019, p. 24), ao enfatizar que “No mundo conceitual branco, o sujeito Negro é identificado como o objeto ‘ruim’, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade”. Dentre as negras representadas, raramente, deparamo-nos com seres influentes, as demais não têm destaque nas cenas da série, é como se elas fossem apenas figurantes na narrativa.

A partir dos apontamentos levantados, podemos salientar como personagens negras são representadas, não podendo ser desvinculadas das questões de raça e de gênero. Nessa perspectiva, retomamos Kilomba, que nos diz:

“Raça” não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo (KILOMBA, 2019, p. 59).

Nesse aspecto, podemos enfatizar que a série reforça papéis de gêneros, a partir do momento em que determina quais posições a mulher negra pode ocupar no tecido social, reforçando um padrão de sociedade onde os corpos desejáveis são brancos, em detrimento dos negros. Sendo assim, podemos pensar que a falta de representatividade negra está atrelada às questões de raça e de gênero, pois, caso o criador da série quisesse, poderia dar destaque ao corpo negro de forma positiva, em vez de contribuir para a reprodução dos estigmas de raça e gênero.

Em virtude dos aspectos abordados, cabe ressaltar que historicamente a mulher negra foi deixada em segundo plano e invisibilizada socialmente, desde o cinema às produções audiovisuais, assim como em outros campos em que a arte se manifesta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber no decorrer das discussões, abordar sobre a temática da mulher negra pode ser considerada uma questão complexa, pois é necessário todo um cuidado para que estereótipos não sejam reforçados. Ao trabalhar com uma personagem preta, o autor precisa ter a noção de que raça e gênero precisam ser abordados em suas produções, de forma que não leve o leitor/espectador a enxergar no corpo negro, ali representado, uma imagem inferiorizada, indesejável e secundária, ideias essas que foram e continuam sendo perpetuadas em nossa sociedade.

O corpo negro por muito tempo foi representado de forma estereotipada no cinema, nas produções audiovisuais e até mesmo na literatura, isso quando existe a preocupação de inserir um personagem de cor na trama. Apesar desse cenário estar mudando no contexto atual, ainda nos deparamos com situações de representação em que o corpo feminino é sexualizado, animalizado e desprestigiado socialmente, repercutindo, assim, de forma negativa, a imagem da mulher negra.

Em uma das obras discutidas neste trabalho, *The Hunger Games* (2008), a personagem apresentada ao público não passa de um amontoado de representações equivocadas e estereotipadas da mulher preta. A aparição de Rue no livro de Collins só serve para reforçar como o corpo de uma negra pode ser inferiorizado em obras artísticas, ao ser colocado apenas como amiga da protagonista, que está disposta a ajudá-la. Uma personagem em segundo plano que vem para ser a representatividade, mas que não

representa nada, por não ter um aprofundamento digno e se limitar apenas à amizade branca.

Já na obra *Black Mirror*, mais especificamente no episódio *Nosedive*, é pertinente ressaltar que, no enredo analisado, existe uma baixa representatividade negra ocupando espaços de destaque social. Nesse sentido, é perceptível que esses corpos, em sua maioria, são retratados de forma pejorativa, exercendo papéis considerados subalternos pela sociedade, como se o corpo preto não fosse digno de ser exaltado, podendo estabelecer uma relação de igualdade com o corpo branco.

Porém, como dito anteriormente, esse movimento vem mudando e a ideia da mulher preta pode perpassar por camadas divergentes de representação. Em *The Purge: Anarchy* (2014), por exemplo, duas personagens pretas se mostram em destaque. As mulheres negras presentes na obra, além de protagonistas, são responsáveis por desenvolver a trama, tendo o seu papel descrito como crucial para a salvação dos companheiros ali presentes. Identifica-se, desse modo, uma representação em que a inteligência, o conhecimento e a força da mulher negra são abordados de forma positiva. Entretanto, é preciso enfatizar que obras como *The Purge: Anarchy* (2014) ainda são exceções e que há muito o que se modificar, representar e dar voz.

Sendo assim, é preciso que os autores se preocupem em trazer cada vez mais para suas obras mulheres pretas capazes de ter suas próprias narrativas, sem precisar se apoiar em outros personagens, sendo tratadas de forma secundária. Suas nuances devem ser destacadas, e, para além disso, respeitadas, apresentando uma mulher que não é apenas um ser sexualizado e desejado pelo corpo branco.

Como discute Ribeiro (2020), falar sobre opressão de gênero é algo que não recebe o devido destaque, por ser visto como uma coisa inútil, porém a sua persistência gera uma quebra na hegemonia criada séculos atrás. Dessa forma, por mais difícil que seja o trabalho de representação do corpo negro, principalmente de mulheres pretas, é preciso que haja o incentivo de produções que abordem essas temáticas, sem que os estereótipos sejam reproduzidos, posto que levam à estigmatização das pessoas pretas a essas características.

REFERÊNCIAS

- ADOROCINEMA. **Uma noite de Crime: Anarquia**. Disponível em: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-222167/>>. Acesso em: 20. jun. 2024.
- COLLINS, Suzanne. **The Hunger Games**. New York, NY: Scholastic Press. 2008.

FERREIRA, H. **Grada Kilomba**: O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo. 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FILHA, C. X. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 503-515, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPP, R. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20**: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. 2011. 279 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2085/1/000433625-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

KOPP, R.; NEUMANN, A. L.; SILVA, T. A. C. da. Comunicação e Educação na Literatura Distópica: de Nós (1924) a Jogos vorazes (2008). **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, jul. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/3577>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

OLIVEIRA, E. B. de.; SANT'ANNA, I. F. Representatividade Negra No Cinema Norte-Americano: Uma Análise Do Filme Moonlight. **Scripta Alumni – Uniandrade**, Curitiba, n. 20, 2018. Disponível em: <<https://revistahom.uniandrade.br/index.php/ScriptaAlumni/article/viewFile/1106/919>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SANTOS, J. C.; BERARDO, R. M. Representações cinematográficas de mulheres negras. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, VII, 2014, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, FAV, 2014. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo1_22_representacoes_cinematograficas_de_mulheres_negras.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SILVA, B. C. B. da. **A representatividade da mulher negra no cinema hollywoodiano.**

2017. 33 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SOUZA, F. Gênero e “raça” na literatura brasileira. **Revista Estudos De Literatura**

Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 12, n. 1, p. 103–112, 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9570>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

Referências audiovisuais

BROOKER, Charlie. WRIGHT, Joe. **BLACK MIRROR: Nosedive**. Inglaterra: Netflix, 2016.

DEMONACO, James. **UMA NOITE DE CRIME: Anarquia**. Produção de Blumhouse.

Estados Unidos: Universal, 2014.

Título em língua inglesa:

Black characters in dystopia: The (in)existent layers of black women in dystopian productions